

AUTO-RETRATO DE ALCIDES CARNEIRO

Nasci em Princesa, na Paraíba, em 11 de junho de 1906. O advento custou a meu pai 5\$000 (cinco mil réis), em moeda antiga, pagos a parteira Bonifácia. Em moeda atual corresponde a meio centavo – preço da minha entrada neste mundo, ao qual nos trazem sem consulta e do qual nos levam sem aviso.

Tive coqueluche com três meses de nascido. Dado como morto, encomendaram ao carpinteiro o caixão, que lá é feito na emergência. Não há mercadoria em estoque. A respiração voltou e suspenderam a encomenda.

Minha mãe tinha gênio forte e meu pai era pacato e paciente. A ama de leite que me deram gerara um pouco antes um valentão que se tornou famoso nas guerrilhas do Nordeste. Não o trato de cangaceiro, por espírito de fraternidade.

Meu padrinho de batismo foi José Pereira Lima – caudilho altaneiro e valente, chefe de sedição que desencadeou a revolução de 1930. Prevaleceu, na minha índole, o sangue paterno, inclusive sobre as proteínas do leite e os eflúvios da benção...

Cursei a Escola Primária, do bom professor Adriano Feitosa, onde tomei contato com a temida palmatória. Mais tarde, quando soube das formas parcialmente exuberantes da Vênus Calipígia, lembrei-me dela.

Aos 11 anos, viajei ao Ceará, a terra onde vi o mar e conheci automóvel e água encanada. Consignado a dois tios que ali residiam, matriculei-me no instituto São Luiz, do professor Menezes Pimentel, depois no Liceu Cearense, onde concluí o curso secundário.

Cursei dois anos da Faculdade de Direito do Ceará e transferi-me para o Recife, onde me formei em 1926, com 20 anos de idade. Gosto muito do Ceará e do seu povo. Viajando pelo mundo, encontrei, nas Pirâmides, um cearense alugando camelos.

Estudei menos do que devia ter estudado e li menos do que devia ter lido. Consolo-me de não ser um erudito, com a sentença de que o homem nasce culto, proferida por Gilberto Amado, o mesmo que me faz cauteloso ao escrever ou falar, com outras duas observações geniais: “A delícia dos velhos é narrar” e “Caceteação mata”.

Os que me estimam fingem ignorar minha ignorância. Os que não me apreciam, divulgam-na, fingindo lamentar. Alguns me consideram preguiçoso, outros, boêmio. Intimamente, estou convencido de que era apenas um sentimental mórbido, apaixonado de Antônio Nobre e Augusto dos Anjos, envenenado para todo o sempre pelos tormentos do Só e as tristezas do Eu. Camilo Castelo Branco foi meu mestre predileto de angústia e de vernáculo. Sou mais versado em angústia.

Assim formado, fui presa ingênua das mulheres, que me amarguraram a vida, porque sabiam que amarguravam o que não era delas.

Entre uma noite de vigília sobre os livros, meu cansado coração teve que ser consertado, a ferro, numa cirurgia quase fatal.

Faço discursos como o violeiro toca e o cantador canta. Sem gosto e sem estilo, só para sobreviver intelectualmente.

Quis ser médico - do tipo do Dr. Benassis, de *O Médico Rural*, de Balzac, ou um psiquiatra, escafandrista da alma humana. Daí, quando administrador, meu especial desvelo por hospitais e sanatórios, por fidelidade a antiga vocação. Fui bacharel em Direito, que meu pai achava a carreira para “fazer figura” – opinião de todos os pais vaidosos.

Incursionei na política, onde os homens me ensinaram os caminhos do inferno e o estilo do diabo. Aprendi depressa, mas depressa enjoei. Ela não é, senão para muito poucos, a arte humana de trabalhar pelos outros. De qualquer forma, para se vencer politicamente, é preciso enganar muito e mentir outro tanto. No começo, há engulhos. Depois o estômago aceita. A natureza é sábia e os homens, sabidos.

Fui parlamentar, deputado federal, uma legislatura. Quatro anos, no mesmo navio, com a mesma tripulação e os mesmos passageiros. A rigor, um confinamento.

Agora, sou juiz. O conceito que faço de mim mesmo, como julgador, está expresso neste epitáfio que imaginei: Foi juiz. Se absolveu por compaixão, não condenou por fraqueza. A má vontade e o arbítrio deram-lhe uma interpretação que me ia custando a cabeça.

Bem razão tinha o Padre Antônio Vieira: “Se olhas com amor, o corvo é branco, se olhar com ódio, o cisne é negro”.

Não gosto da vida nem da morte. Ambas me desprezaram. Trato-as com reciprocidade, firmemente. Por castigo, sou duas vezes imortal – pertença a duas Egrégias Academias de Letras, por obra e graça de alguns santos espíritos. Membro da Academia Paraibana de Letras, consegui ser profeta em minha terra, talvez por força da ausência. Da Academia Carioca de Letras, decerto em razão da presença. Vou precisar de muita ajuda de Deus para manter enganador os que pensam que sou o que não sou – um literato.

Em muitas ocasiões, na vida, tive mais pena dos outros do que de mim. Não me arrependo, mais desaconselho a imitação.

Tenho duas qualidades que me dão alegria: amo enternecidamente minha terra e sou dedicado aos amigos.

Aí está, caro confrade e amigo, em traços mais ou menos caricaturais, meu auto-retrato. Uma versão pessoal de minha personalidade, que lhe dou em confiança, com permissão de divulgá-la.

Ofereça, agora, sua versão aos outros. Não venha com agrados, que os agrados às vezes atrapalham. Seja sincero, como foi o senhor seu pai, honrado comerciante em Palmeira dos Índios, nas Alagoas. Se quiser inventar uma coisa, seja cauteloso. Há muita gente que me conhece demais...

Se entender de exagerar, faça-o com moderação. O exagero é a mentira reduzida e a redução torna venial o pecado. De qualquer sorte, que o exagero seja em meu favor.

Já enganei a muitos por minha conta. A façanha de enganar a posteridade, quero deixar à conta dos outros.

Eis o que sou e como sou, contando com um pouco de manha e muita sinceridade.

O que fiz? Ao diabo, a modéstia. Posso afirmar-vos que não fiz somente discursos. Fiz o que pude e só não fiz o que não pude, pelo bem dos outros, e em benefício da querida terra natal, que gozou da prodigalidade das preferências, na medida das minhas possibilidades.

Tive gestos que valeram como lições e lições valeram como exemplo. Construí e inaugurei. Dei leitos aos enfermos, com a consumação de Hospitais e Sanatórios. O Hospital dos Servidores do Estado, de padrão universal, ajudei a implantar, e lá está, gravada em bronze, a frase de um paraibano tido como preguiçoso: “Este hospital nasceu da bondade dos que sentem e viverá da confiança dos que sofrem. Assinado: Alcides Carneiro”.

Em Correias, distrito de Petrópolis, onde sou cidadão benemérito e Comendador da Ordem de Koeler, há um sanatório modelo, para tuberculosos, batizado com o meu nome. No frontispício, esta frase, também do paraibano preguiçoso: Esta é uma Casa que por infelicidade se procura, mas por felicidade se encontra.

Edifícios, ambulatórios, conjuntos residenciais em todo o Brasil, inclusive Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Nesta formosa e amada João Pessoa, ergui um Edifício que, durante algum tempo, foi o mais imponente da cidade. E conjuntos residenciais em Santa Júlia e Tambiá.

Em Campina Grande – ó! Campina, ó! Campinenses! -, como me recordo daquele dia em que inaugurei o Hospital a que deram meu nome. Lembro-me de ter dito: Deus fez a Paraíba com o braço e Campina Grande com o coração. E aquele hospital, que hoje orgulha o Nordeste e o Brasil, era o sonho dos campinenses. Eu realizei o seu sonho.

Também construí e inaugurei o Sanatório de Pocinhos. Nunca mais ouvi falar dele. Se não mais existe, não me falem nunca. Como sonhador, desgosta-me assistir o funeral de um sonho.

Ajudei e assisti a quantos pude. Pena não ter podido ter mais. Pena não ter servido minha terra, tanto quanto a tenho amado.

O que faço? Permaneça a modéstia com quem estava. Faça justiça. Distribuindo-a com a consciência e o coração, na Augusta Casa de Justiça a que me honro de pertencer. Ali, ouvindo o

ressoar dos passos e da voz de João Pessoa, nunca tive medo de julgar. Como por igual não teve medo Ernani Sátiro. Ali, em dez anos de judicatura, conquistei a prerrogativa de imaginar, sem orgulho nem hipocrisia, meu próprio epitáfio: Foi Juiz. Se absolveu por compaixão, não condenou por fraqueza.

Orgulho tenho, sim, de ter dado a idéia e as palavras, para a divisa que o Superior Tribunal Militar adotou, perpetuando-a, em placa de bronze, no pórtico do Plenário Excelso, para reverência da posteridade. Desde o dia 19 de setembro último, data da solenidade consagratória, na qual fui o intérprete dos meus eminentes pares, e divisa da Justiça Militar do Brasil é esta: Deus e o Teu Direito.

Naquele oportunidade, dissemos: Deus e Teu Direito – a Fé suprema e a suprema devoção num só culto, professado com a serenidade, a unção, a energia dos apóstolos.

Já afirmei e ora repito: O Direito não é só um apanágio do caráter, como sentenciava, Ihering, porque é, sobretudo, uma vocação de luta. E nós, aqui, outra coisa não temos feito senão lutar, determinadamente, pelo que primado.

Antes dele, acima dele, só Deus, a dar o sentido do divino à Verdade, à Justiça, à Equidade. Só ele, o Direito, pode levar à atribulada consciência do mundo, próximas ou distantes esperanças, pois que é, a um só tempo, o látigo contra os tiranos, o broquel dos fracos, a santa conceição dos oprimidos.

Disse alguém que a humanidade caminha, Deus a conduz. Aduzimos: e o Direito protege-a.

Ao assentarmos este marco de fé e promessa, a assinalar uma frase na História da Justiça Militar do Brasil, assumimos, perante o futuro, solene compromisso, inquebrantável com um juramento prestado à face do Supremo Juiz.

E cumpriremos este compromisso, sem sangue, sem suor, sem lágrimas. Apenas com altivez, equilíbrio, ânimo forte.

E concluí: Veneremos, Juízes, sob os olhos abençoados do Altíssimo, veneremos o Direito – caminho único da redenção democrática de todos os povos.

Áspero, sagrado, luminoso caminho.

Desde aquele dia memorável, quando vejo aquela placa, a impor-se, *aere perennius* ^[34], como um mandamento, não digo orgulhosamente, fui eu quem fez isto. Penso, enternecidamente: quem fez isto foi um humilde filho da Paraíba, um simples sertanejo, nascido na diminuta e lendária Princesa, recanto adorável e belo, rodeado se serras e sonhos azuis, pousada feliz que Deus escolheria para descansar e para não se arrepender de ter feito o mundo.

Mais paciência senhores, porque há mais.

Dirijo, no terceiro mandato consecutivo, a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – “a maior força educacional do País, verdadeira epopéia no gênero, motivo de exemplo para todos nós”, no testemunho insuspeito de Rachel de Queiroz. Criada há 33 anos por um predestinado de Picuí, chamado Felipe Tiago Gomes ^[35], cobre hoje, quase mil municípios em todo o território nacional, abrigando 320.000 jovens brasileiros em 1.300 Ginásios.

Não alfabetizamos, educamos. Os recursos? Vêm da grande bondade dos que podem pouco e da pequena bondade dos que podem muito.

Em conclusão, no terreno educacional, sem ser um educador, sou um doador de realidades profícuas.

Eis, moços da minha terra, ansiosos rebentos da geração que desponta para as ásperas batalhas da vida, eis o que é, o que fez e o que faz um conterrâneo, mais envelhecido do que velho, e que nunca esquecerá a oração do bom filho e a oração do bom irmão.

A carga de mágoas e de angústias, que carrego, solitário e mudo, não impede que eu guarde na alma um credo, uma crença que os tempos não arruinaram.

Sim, pois, creio em vós, jovens que sois a esperança da Paraíba; creio em ti, homem paraibano, no teu valor, na tua bravura, nos teus brios; creio pela galhardia com que venceste o passado, na audácia com que vencerás o futuro; creio no teu ideal de liberdade, tão alto, que dominou os tempos e os tempos não o dominaram.

Creio em ti, Paraíba, mãe altiva e venturosa, terra que se fez tão pequenina para não parecer tão grande e se fez tão grande para se consolar de ser tão pequenina; creio em ti, que, sendo rica, és pobre, porque trocaste pela pompa das tuas auroras o ouro da tua riqueza; creio em ti, professora pública de civismo, como te chamou Assis Chateaubriand, aquele falcão faminto de temporais, arrancando das tuas entranhas, para os remígios infinitos; creio, firmemente, na imortalidade deste povo e na eternidade desta terra; creio que não haverá nunca uma última águia a esvoaçar, altaneira, nos cinco atenienses do Brejo de Areia; nem um último condor a voejar, altívolo, nos píncaros da Borborema; nem um último titã, a erguer-se, dominador, nas matas do Umbuzeiro; nem uma última patativa, a trinar, sedutora, nos bosques de Jacuípe; nem o último brado do último herói, nem o último gemido do último sacrificado; creio que não haverá nem o fim nem o nada, para uma gente dotada de eternas virtudes, para um rincão povoado de sombras eternas.

Conterrâneos, povo bravo e gentil, eis o meu credo.

Paraíba, dulcíssima, rainha do meu coração, eis a minha salve rainha.

³⁴ Alcides Carneiro alude, aqui, assim como em outros textos seus, mais adiante, ao célebre verso do poeta Horácio, que, em suas Odes, verso primeiro do poema número 30 do volume terceiro, construiu a fórmula eterna: *Exegi monumentum aere perennius*. Isto é, (com minha obra poética) ergui (para mim) um monumento mais duradouro que o bronze. O grande vate latino demonstrava, com o achado poético – que seria depois citado profusamente em todo o Mundo –, a orgulhosa satisfação em publicar os três tomos de suas *Odes*, mais importante que estátuas de bronze que lhe viessem a ser dedicadas. Séculos depois, até mesmo poetas russos, como Púshkin, servir-se-iam do verso horaciano como epígrafe de seus próprios poemas [A epígrafe aparece, por exemplo, no famoso poema pushkiniano, sem título que assim se inicia: “Um monumento ergui a mim, obra extra-humana...”, na tradução de José Casado Silva para edição bilíngüe de 1992, pela editora nova Fronteira]. E, no Brasil, há um livro de Gondin da Fonseca justamente intitulado *Aere Perennius*, em que reuniu suas principais traduções de poesia estrangeira. [Nota do Editor]

³⁵ O filantropo e educador **Paraibano Felipe Tiago Gomes**, natural de Picuí, PB, e filho de pobres agricultores, foi o idealizador e fundador da CNEC – Campanha Nacional de Escolas da Comunidade. Nascido em 1º de maio de 1921 e falecido em Brasília no dia 21 de setembro de 1996, ele obteve, de Alcides Carneiro, o compromisso de que assumisse a presidência da Diretoria Nacional da Campanha, da qual o próprio tribuno diria depois: “Esta Campanha nasceu de um milagre, e um milagre não se desperdiça. Só Deus faz milagres sozinho. Nós, os mortais, fazemos os nossos com a ajuda uns dos outros, de acordo, com aquele preceito evangélico que alguém disse ser a súplica divina de toda experiência humana: ajudai-vos uns aos outros”. No volume que o leitor tem em mãos, há um discurso de Alcides sobre a CNEC e sobre Felipe [v. adiante, na oração com que o tribuno paraibano assumiu essa Diretoria Nacional]. Ainda sobre Felipe Tiago Gomes, a própria CNEC mantém, em sua home page na Internet, um site, dedicado a sua biografia, que foi escrita pelo advogado Sebastião Garcia, Secretário Geral da Campanha, e que se encontra em www.mapamundi.com.br/CNEC/CNECI.HTM. [Nota do Editor]

Autobiografia originariamente encontrada em “CARNEIRO, Alcides Vieira. **Ao Longo da Vida**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1976.”

Cedida pelo Engenheiro e Pesquisador da história princesense Francisco Florêncio para veiculação no site de Princesa (<http://princesapb.sites.uol.com.br>).